FÉ, RAZÃO E VULNERABILIDADE

Michael Pearson

O relato bíblico de nossas origens afirma que fomos criados à imagem de Deus, o que — dentre outras coisas — implica em que recebemos autoridade sobre o reino animal. Efetivamente, muitos pensadores têm asseverado que é precisamente a posse de uma mente que nos distingue do reino animal e nos caracteriza como humanos. Nosso valor superior reside na capacidade de assumir decisões inteligentes, na habilidade para aceitar responsabilidades, na facilidade de expressar, através de símbolos, os pensamentos e as emoções. Nossa singularidade no contexto da criação deriva desta racionalidade que Deus nos conferiu ao efetuar a nossa criação.

Entretanto, em outros textos bíblicos somos informados de que possuímos mais uma capacidade que nos torna singulares enquanto seres humanos: esta é a capacidade da fé. Exercemos esta capacidade quando nos aproximamos de Deus, em resposta a Suas iniciativas à nossa procura. Em grau menor, também a colocamos em prática quando estabelecemos relações íntimas com outros seres humanos.

Ocorre, entretanto, que muitas vezes estas duas capacidades que nos tornam as criaturas especiais que somos, entram em conflito entre si. Aliás, pode-se dizer, efetivamente, que este conflito é, de per si, uma característica distintiva da condição humana. Nosso desejo de confiar, de estabelecer relacionamentos, é moderado por nossas faculdades racionais críticas. Essas duas capacidades por vezes nos conduzem a direções opostas; lutam entre si, à procura de nossa lealdade.

Segundo muitos pensadores observaram ao longo dos séculos, o exemplo clássico deste conflito é a história de Abraão e Isaque. Na intimidade de seu relacionamento com Deus, Abraão sentiu que deveria transformar seu filho Isaque numa oferta sacrifical. Entretanto, tal ação parecia contrariar todos os ditames da lógica e dos códigos morais. Qual poderia ser o sentido de sacrificar o longamente esperado filho da promessa? Por certo uma tal ação poderia tão-somente constituir violenta agressão a uma consciência sensível. O desejo de ser fiel a Deus, por um lado, e a força da lógica, por outro, pareciam ditar cursos de ação inteiramente opostos.

Conflito de semelhante ordem foi aquele com o qual tive de defrontar-me nos anos iniciais de meu curso na Universidade de Londres. Era meu desejo prosseguir crendo e confiando em Deus. Contudo, os procedimentos racionais nos quais eu estava sendo diariamente treinado na Universidade, recomendavam-me cautela. Recebia instruções no sentido de submeter todas as alternativas ideológicas que se me apresentassem, a cuidadoso escrutínio, antes de aceitar qualquer uma delas. Assim, eu desejava crer, mas ao mesmo tempo não queria tornar-me vítima de um engodo. Não queria descobrir, anos mais tarde, que meu desejo de segurança me houvera conduzido a conclusões erradas. Não desejava também que meu desejo de conforto distorcesse a visão que eu possuía acerca do que era a verdade.

Os parágrafos seguintes constituem um relato abreviado da forma como tentei reconciliar as exigências conflitantes que se me apresentavam. Esta não é uma resposta final, mas ainda assim representa algo vivo para mim.

Definição de Termos

Antes de apresentar a matéria, creio ser conveniente definir brevemente os termos que empregaremos. Pouco importa que, em uso normal, você prefira utilizá-los de modo diferente. Necessitamos deixar claro como eles serão empregados ao longo desta análise. Em primeiro lugar desejo contrastar *crença* e *conhecimento*, ao afirmar que para saber ou conhecer algo, o objeto de nosso conhecimento deve ser verdadeiro. Apesar disso, alguém poder crer em qualquer coisa, até mesmo irreal ou falsa. Também devemos deixar clara a diferença entre *prova* e *evidência*. A evidência tende a corroborar uma afirmação específica, ao passo que a prova é incontestável. O adjetivo *verdadeiro* indica que determinada declaração descreve com certeza a convicção psicológica de uma pessoa; por outro lado, existem muitos que estão *seguros* em relação a coisas que diante de nós aparecem como patentemente falsas. Por fim, devemos contrastar *dúvida* e *incredulidade*. Incredulidade é o estado mental que rejeita determinada afirmação por considerá-la falsa; dúvida (que deriva da mesma raiz que *duplo*) denota ambivalência mental, a qual considera duas ou mais opções como suscetíveis de aceitação.

Havendo obtido acordo quanto ao modo como utilizaremos estas palavras, podemos prosseguir com a apresentação do tema. Minha tese é que em todos os assuntos importantes da vida — o que inclui a religião — não podemos saber, senão apenas crer. Não dispomos de provas; necessitamos contentar-nos com evidências. Não seremos capazes de chegar a um ponto em que nos seja possível demonstrar que determinada declaração é inquestionavelmente verdadeira, ainda que estejamos certos de que ela o é. Necessitamos admitir que por vezes enfrentamos dúvidas,

mas podemos resistir à incredulidade.

Interpretação das Evidências

Alguém poderá criticar minhas colocações, dizendo que elas são excessivamente tentativas, que elas parecem não permitir a espécie de dedicação total que o evangelho demanda, que de alguma forma elas reduzem o comprometimento. De modo algum! Em todos os aspectos importantes da vida as coisas ocorrem tal como as situei.

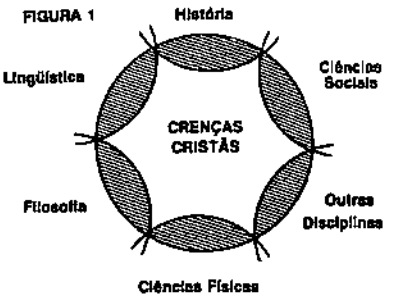
Em política, o primeiro-ministro e o líder da oposição muitas vezes estão em desacordo, não tanto em relação aos fatos, senão quanto ao modo de interpretá-los. No campo da moral e da estética, a diferença fundamental entre defensores de posturas contrárias deve-se ao modo como cada grupo interpreta as evidências. Em assuntos de economia, os proponentes do livre mercado e os que defendem a vigorosa intervenção governamental em assuntos econômicos, ao analisarem o mesmo quadro fiscal de um país, chegarão a conclusões radicalmente diferentes quanto aos remédios para as mazelas nacionais, exatamente por causa dos pontos de vista pré-concebidos que estão subjacentes a uma e a outra oposição. Os educadores apóiam diferentes espécies de reformas em virtudes de suas diferenças básicas quanto ao modo de compreender a natureza humana. Os administradores conflitam entre si quanto às decisões a serem tomadas, já que o esquema de prioridades de uns e de outros são diferentes.

Algo parecido ocorre em assuntos religiosos. As pessoas que atuam em todas estas esferas, assemelham-se muito mais aos membros de um júri — que depois de haverem analisado as evidências chegam a estabelecer um juízo de grupo, baseado em informações, mas ainda assim talvez imperfeito — do que a um cientista que realiza experiências no laboratório e ao final apresenta seus resultados com base em levantamentos estatísticos. Em cada um desses campos os seres humanos necessitam tomar decisões e assumir compromissos, tendo de enfrentar oposição e por vezes até mesmo perder a vida pelo fato de se manterem fiéis a suas convicções. O caso de Copérnico, que refutou a concepção ptolemaica do Universo, constitui exemplo clássico do que estamos dizendo.

Um dos problemas que enfrentamos quando desejamos integrar fé e razão na experiência religiosa, deriva parcialmente da autoridade espúria que atribuímos à ciência. Parece-nos por vezes que a tarefa científica consiste em descobrir, através de meios experimentais, dados que podem ser acrescentados à montanha do conhecimento, e esta se manterá como uma massa monolítica, inamovível por toda a eternidade. Isto constitui, entretanto, uma imagem distorcida da ciência. Na verdade, os cientistas procuram estabelecer dados confiáveis, que logo depois serão interpretados com base num determinado esquema que lhes será imposto. A explicação científica que requer a nossa aceitação, é aquela que incorpora o menor número de anomalias ou exceções. Contudo, em toda teoria e explicação científica sempre existirão anomalias. Isto significa que a ciência sempre envolverá interpretação, e desta forma ela não é essencialmente diferente do discurso moral, econômico ou político. Portanto, não estaremos sendo sábios se tentarmos tornar nossas reivindicações religiosas tão "respeitáveis" quanto supomos serem as reivindicações científicas. Em vez disso, deveríamos reconhecer que as declarações científicas compartilham da mesma subjetividade encontrada em áreas como a religião, a moral ou a política.

Alguns indivíduos, quer seja entre os fervorosamente religiosos, quer seja entre os defensores da comunidade científica, sem qualquer dúvida se sentirão desconfortáveis diante desse modelo, já que ele propõe que talvez a pessoa "saiba" muito menos do que imagina. Talvez essa idéia os faça sentirem-se inseguros. Ainda assim creio que em todas as atividades importantes que na vida nos impomos, necessitamos construir um modelo com base nos dados brutos que nos chegam às mãos, de tal modo que o esquema adotado inclua o menor número possível de exceções ou anomalias. Ou, para expressá-lo em outras palavras, exige-se que formemos a nossa própria cosmovisão.

Apliquemos agora o modelo especificamente a nossas crenças cristãs. Se imaginarmos que estas constituem um círculo, deveremos reconhecer que certas áreas de atividade racional, certas disciplinas acadêmicas, suprem-nos de evidências que necessitam ser levadas em consideração, ou seja, devem ser acomodadas dentro de nossa visão particular do mundo. (Figura 1)



As alegações estabelecidas pelos cristãos afetam várias áreas da investigação humana; portanto, os cristãos devem levar seriamente em consideração as evidências fornecidas por essas disciplinas.

A filosofia, por exemplo, coloca questões embaraçosas, cuja validade nos cumpre reconhecer. Como adeptos de uma religião histórica, os cristãos devem reconhecer as evidências providas pelos historiadores. Devemos reconhecer, também, que os cientistas sociais têm importantes contribuições a oferecer à compreensão da origem e manutenção do comportamento religioso. A evidência da filologia (ou lingüística) diz coisas importantes a respeito da época e construção dos livros canônicos. E assim por diante.

Nossa tarefa consiste em avaliar as evidências que se impõem, embora possam ser parciais, acomodando-as à nossa cosmovisão particular. Devemos examinar onde se encontra o peso das evidências; devemos estar dispostos a operar alterações em nossa visão do mundo. Caso esta visão seja substancialmente correta, nada temos a temer diante de semelhante espécie de investigação. Este procedimento possui a virtude de habilitar-nos a descobrir parcelas de evidências que nos causam perplexidades, sem que deitem por terra a estrutura de nossas crenças básicas. Sempre

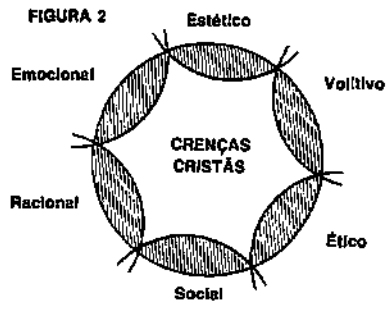
existirão anomalias. Nossa convicção depende do peso das evidências. Por outro lado, devemos estar dispostos — em princípio, ao menos — a abandonar nossas convicções, caso as evidências cheguem a apresentar-nos tantas anomalias, a ponto de ser-nos impossível conservar a nossa cosmovisão anterior. Isto é bastante razoável, já que não representa mais do que aquilo que pedimos que façam as outras pessoas!

Alguém poderia objetar que este método possui o potencial de levar-nos a desenvolver crenças instáveis, o que contrariaria o conceito do "novo nascimento" exposto por Cristo. Parece-me, todavia, que toda pessoa genuinamente decidida a encontrar e manter uma visão coerente do mundo, provavelmente não se deixará envolver por tal frivolidade. A Bíblia nos exorta a "julgar todas as coisas e reter o que é bom" (I Tessalonicenses 5:21), o que não é a mesma coisa que "provar algumas coisas e conservar apenas aquilo que é tradicional."

Assumindo Compromissos

Aqui necessitamos dar um passo significativo. É importante que, como seres racionais, reconheçamos que muitas de nossas decisões e de nossos compromissos se baseiam em fatores que longe estão de serem racionais. Ainda que por vezes ofereçamos explicações plausíveis para justificar nossas racionalizações, com freqüência essas decisões respondem a impulsos intuitivos, emocionais e volitivos; neste caso, temos que admitir, bem no profundo de nosso ser, que estamos sendo muito menos racionais do que pretendemos ser. Parte importante de nosso desenvolvimento intelectual envolveo exercício intuitivo da imaginação.

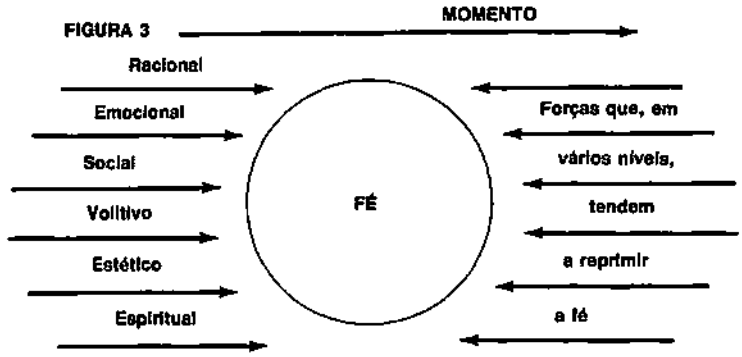
Nosso comprometimento com determinado estilo religioso dependerá em grande medida de nosso conteúdo emocional. No caso dos cristãos ele dependerá de o caminho de Jesus — e do modo particular em que este é apresentado em nossa igreja — satisfazer nossos mais íntimos anseios. Aqui, o emocional se limita com o estético, quando decidimos que a visão total da realidade, segundo apresentada pelas Escrituras, nos parece esteticamente satisfatória. Também afeta a nossa decisão a maneira pela qual nossa igreja aplica esses ensinamentos, e se esta aplicação nos parece adequada e satisfatória. Além disso, queremos estar convencidos de que os imperativos éticos encarnados por Jesus nos são aceitáveis, tanto em teoria quanto na prática. Por outro lado a vontade afeta nossa fé quando decidimos, por exemplo, servir a outros em vez de sermos servidos. A fé também é afetada por fatores sociais, de modo que temos de indagar o ser social que dentro de nós existe. Porventura nos satisfaz o ambiente particular de nossa igreja? E assim sucessivamente. (Figura 2)



O racional é apenas um dos vários níveis aos quais nós respondemos quando vivemos a vida de fé.

Em outras palavras, ao aceitarmos o cristianismo como convicção religiosa, indicamos que nos sentimos prazerosos diante de tudo aquilo que Cristo representa.

Permitam-me expor outro modelo, que parece incorporar tudo aquilo que foi dito até aqui. Nossa fé cristã pode ser comparada a uma bola que está sendo impulsionada em determinada direção (Figura 3). O momento da fé é sustentado pelo ímpeto provido por nosso intelecto, nossas emoções, nossos desejos, nossa posição social e assim por diante. Entretanto, o momento reduz-se a partir de quando encontra resistência proveniente de várias fontes. Objeções intelectuais podem criar atrito, de modo a reduzir o momento de fé. Todos os demais tipos de reservas íntimas, o desejo de aceitação, a indisposição de exercer a vontade e outros fatores podem fazer com que se reduza o momento de fé.



A fé é a resposta de todo o nosso ser. Seu desenvolvimento por vezes encontra resistências.

Portanto, nossa fé apresenta vários componentes: intelectual, emocional, social, volitivo, estético, ético e talvez mais alguns. A fé é o estado de prontidão para agir em determinada direção, nossa disposição para agir como se nossa visão do mundo fosse verdadeira.

Há que se observar, ainda, que a fé possui um componente especial que não pode ser assimilado por nenhum outro, ao qual eu chamaria de "espiritual". Creio que o bom Espírito de Deus está agindo incessantemente, procurando gerar o momento da fé no coração de todos os ho-

Continua na pág. 27

te. Os resultados foram muito positivos, tanto para os participantes quanto para os beneficiados pelo programa.

Nevil Gorski

Divisão Sul-Asiática

Quando Meshach Nymiaka Onguti começou a estudar Odontologia na Universidade de Manipal, no sul da Índia, mal seria alguém capaz de imaginar que ali estavam se abrindo as portas da oportunidade para a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Onguti faz parte de uns 400 universitários adventistas da África Oriental, que estudam na Índia. Saiu do Quênia, sua terra natal, a fim de obter preparo profissional em Manipal, a capital cultural da costa oeste da Índia, onde se pode obter preparo em várias especialidades, como medicina, odontologia, engenharia e artes liberais, todas sustentadas por fundações privadas. Conseqüentemente, a universidade atrai estudantes de várias partes do mundo.

Quando Onguti começou a estudar na Faculdade de Odontologia — nos últimos anos da década de 70 — era ele o único aluno adventista da instituição. Desde o primeiro momento, contudo, nosso jovem irmão determinou-se a tornar conhecidos os adventistas perante o mundo acadêmico de Manipal.

Durante a primeira semana de aulas, Onguti faltou às horas de estudo da sexta-feira à noite, bem como esteve ausente das aulas do sábado. Seus colegas perceberam a diferença, e seus professores observaram sua ausência das atividades acadêmicas. Em breve começaram as perguntas movidas pela curiosidade, e logo seguiram-se as ameaças. Não lhe seria permitido efetuar exames se ele prosseguisse faltando às aulas.

Onguti, contudo, permaneceu fiel a suas convicções. Como estudava com muita dedicação, obtinha boas notas. Por volta do fi-

Continua na pág. 33

Fé, Razão...

Continuação da pág. 13

mens e mulheres. Por vezes o Espírito satisfará nosso intelecto, outras vezes Ele (uso este pronome pessoal dada a ausência de outro melhor) nutrirá nossas emoções, outras vezes galvanizará nossas vontades. Através da leitura meditativa das Escrituras, de nossa vida de oração, nosso compartilhar com outros de nossas convicções religiosas, nossos atos de adoração em companhia de outros crentes, concedemos ao Espírito de Deus a oportunidade de manter nosso momento de fé. Outras vezes, contudo, Ele agirá independentemente de tudo isso. O certo é que Ele não deixará de explorar nenhum canal pelo qual Lhe seja possível gerar em nós esta resposta de confiança que identificamos como fé.

Quando dois jovens se sentem mutuamente atraídos pela primeira vez, expressarão cautelosamente seus sentimentos, esperando que o outro responda de modo semelhante, a menos que tenham a tendência de "trazer o coração nas mãos". Deste modo vão expressando gradualmente, e com clareza cada vez maior, as suas emoções e confiança mútua. Se o fizessem desde o início com maior franqueza, estariam se expondo à rejeição e subseqüente dor.

Pois bem: o Deus dos cristãos é um Deus vulnerável, um Deus que Se expõe, por assim dizer. Uma vez que fomos criados à imagem de Deus, nós também estamos sujeitos à vulnerabilidade: o risco de sustentar nossas crenças por vezes face a paradoxos sem solução aparente, a necessidade de manter nossa confiança apesar da dor emocional que experimentamos, o dever de exercitar a vontade quando muito anelamos uns momentos de pausa.

Assumindo Riscos

A vida de fé é uma vida de vulnerabilidade, que traz consigo tanto alegrias quanto amarguras. A vida de Jesus oferece amplo testemunho neste sentido. Cada um de nós necessita escolher suas próprias certezas. Não existe outro caminho. Admiravelmente, Deus confia tanto em nós, que nos permite fazê-lo.

Aquele que nos criou com a capacidade da razão e do exercício da confiança, não nos deixou entregues à nossa própria sorte no tocante à exploração deste potencial. Pelo contrário, Ele nos proveu recurso pelo qual possamos desenvolver a nossa fé — a evidência das Escrituras, o testemunho de Seu bom e santo Espírito operando na vida de seres humanos, a vida de Jesus, a Palavra transformada em carne na vida de nossos amigos, intrincado projeto do cosmo, nossas próprias experiências de tristeza e felicidade. Ele decidiu não deixar o assunto em termos ambíguos. Existem evidências a serem pesadas, julgamentos a serem estabelecidos, comprometimentos a serem formados. Em termos finais, contudo, temos de aceitar a responsabilidade por nossas escolhas: estas devem ser genuinamente nossas.

Quanto a mim, decidi seguir o caminho de Jesus. Melhor dizendo, continuo escolhendo este caminho, pois às vezes minhas forças esmorecem e necessito tomar a decisão de retomar a marcha. Ao encontrar novas evidências de qualquer tipo — pessoais, racionais ou de outra natureza — com disposição mental inteiramente aberta, devo reacender meu comprometimento a decidir novamente seguir o caminho de Jesus. Este é o caminho rumo ao ideal a ser corretamente perseguido pelos adventistas — inteireza pessoal. A abordagem que aqui sugiro envolve risco, mas este sempre esteve presente no discipulado.

Pessoalmente, cada um de nós deve tomar decisões tão transcendentais quanto aquelas defrontadas por Abraão. Nunca devemos temer a ordem de "examinar tudo e reter o bem".

Michael Pearson é Doutor em Filosofia pela Universidade de Oxford e leciona filosofia e ética junto ao Newbold College, na Grã-Bretanha. Seu livro, Millennial Dreams and Moral Dilemmas *[Sonhos Milenares e Dilemas Morais] será publicado em 1989 pela Cambridge University Press.*